

**Ciência e Saberes Tradicionais na Amazônia: Caminhos para o Diálogo
Epistêmico e a Divulgação Científica**

***Science and Traditional Knowledge in the Amazon: Pathways for Epistemic
Dialogue and Science Communication***

***Ciencia y Saberes Tradicionales en la Amazonia: Caminos para el Diálogo
Epistémico y la Divulgación Científica***

 <https://doi.org/10.5281/zenodo.23191999>

Recebido: 25 de setembro de 2026

Aceito: 30 de setembro de 2026

Publicado: 06 de outubro de 2026

André Luigi da Costa

Graduando em Engenharia de Software

Universidade do Contestado (UNC)

✉ andre.costa@aluno.unc.br

 <http://lattes.cnpq.br/6017341295095077>

Renan Seisl Solanha

Graduando em Engenharia de Software

Universidade do Contestado (UNC)

✉ renan.solanha@aluno.unc.br

 <http://lattes.cnpq.br/3739225404528271>

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica, as possibilidades e os desafios do diálogo entre o conhecimento científico ocidental e os saberes tradicionais de povos indígenas e comunidades amazônicas, discutindo seu potencial para a divulgação científica e para a valorização da diversidade epistêmica no Brasil. Trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada em literatura especializada em epistemologias do Sul, etnociência e divulgação científica, bem como em documentos institucionais recentes. Os resultados indicam que iniciativas de colaboração entre cientistas indígenas e não indígenas, como a publicação conjunta de pesquisas sobre conservação amazônica em periódicos internacionais, evidenciam a legitimidade e a complementaridade dos saberes tradicionais frente ao conhecimento científico ocidental. Observa-se, contudo, que barreiras institucionais, linguísticas e de reconhecimento acadêmico ainda dificultam a plena incorporação desses saberes aos processos formais de produção e divulgação da ciência. A discussão aponta que a construção de espaços de diálogo simétrico, a formação de pesquisadores indígenas e o fortalecimento de práticas de divulgação científica sensíveis à diversidade cultural são caminhos centrais para a superação dessas barreiras. Conclui-se que a valorização da diversidade epistêmica amplia o repertório de soluções para desafios socioambientais na Amazônia e fortalece o compromisso da ciência brasileira com uma construção do conhecimento mais plural e democrática.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Divulgação científica; Epistemologias do Sul; Amazônia; Diversidade do conhecimento.

Abstract: This article aims to analyze, through a bibliographic review, the possibilities and challenges of dialogue between Western scientific knowledge and the traditional knowledge of Indigenous peoples and Amazonian communities, discussing its potential for science communication and for valuing epistemic diversity in Brazil. This is a qualitative study, of a bibliographic and documentary nature, based on specialized literature on Southern epistemologies, ethnoscience, and science communication, as well as on recent institutional documents. The results indicate that collaborative initiatives between Indigenous and non-Indigenous scientists, such as the joint publication of research on Amazonian conservation in international journals, demonstrate the legitimacy and

complementarity of traditional knowledge in relation to Western scientific knowledge. It is observed, however, that institutional, linguistic, and academic-recognition barriers still hinder the full incorporation of this knowledge into formal processes of science production and communication. The discussion indicates that building spaces for symmetrical dialogue, training Indigenous researchers, and strengthening science communication practices sensitive to cultural diversity are central paths to overcoming these barriers. It is concluded that valuing epistemic diversity broadens the repertoire of solutions to socio-environmental challenges in the Amazon and strengthens Brazilian science's commitment to a more plural and democratic construction of knowledge.

Keywords: Traditional knowledge; Science communication; Southern epistemologies; Amazon; Knowledge diversity.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar, mediante una revisión bibliográfica, las posibilidades y los desafíos del diálogo entre el conocimiento científico occidental y los saberes tradicionales de pueblos indígenas y comunidades amazónicas, discutiendo su potencial para la divulgación científica y para la valorización de la diversidad epistémica en Brasil. Se trata de una investigación cualitativa, de naturaleza bibliográfica y documental, fundamentada en literatura especializada en epistemologías del Sur, etnociencia y divulgación científica, además de documentos institucionales recientes. Los resultados indican que las iniciativas de colaboración entre científicos indígenas y no indígenas, como la publicación conjunta de investigaciones sobre conservación amazónica en revistas internacionales, evidencian la legitimidad y la complementariedad de los saberes tradicionales frente al conocimiento científico occidental. Se observa, sin embargo, que barreras institucionales, lingüísticas y de reconocimiento académico aún dificultan la plena incorporación de estos saberes a los procesos formales de producción y divulgación de la ciencia. La discusión señala que la construcción de espacios de diálogo simétrico, la formación de investigadores indígenas y el fortalecimiento de prácticas de divulgación científica sensibles a la diversidad cultural son caminos centrales para superar estas barreras. Se concluye que la valorización de la diversidad epistémica amplía el repertorio de soluciones para los desafíos socioambientales en la Amazonia y fortalece el compromiso de la ciencia brasileña con una construcción del conocimiento más plural y democrática.

Palabras clave: Saberes tradicionales; Divulgación científica; Epistemologías del Sur; Amazonia; Diversidad del conocimiento.

1. INTRODUÇÃO

A ciência ocidental construiu, ao longo de sua história, uma relação marcada tanto pela apropriação quanto pela negligência em relação aos saberes de povos indígenas e comunidades tradicionais. Somente nas últimas décadas observa-se um movimento mais consistente de reavaliação dessa relação, impulsionado por pesquisadores indígenas e não indígenas que defendem o reconhecimento dos saberes tradicionais como formas legítimas de produção de conhecimento (Levis *et al.*, 2024).

Esse movimento ganhou expressão simbólica em dezembro de 2024, quando um grupo de catorze pesquisadores — entre eles cientistas indígenas dos povos Tuyuka, Tukano, Bará, Baniwa e Sateré-Mawé — publicou, na revista *Science*, o artigo que discute a indigenização das ciências da conservação na Amazônia, defendendo a incorporação dos saberes tradicionais aos processos de pesquisa, conservação e restauração ambiental (Levis *et al.*, 2024). O episódio evidencia tanto avanços quanto a persistência de desafios para a consolidação de um diálogo verdadeiramente simétrico entre diferentes sistemas de conhecimento.

Apesar da relevância crescente do tema, ainda são escassos os estudos brasileiros que articulam, de forma integrada, as discussões teóricas sobre epistemologias do Sul e etnociência

às práticas de divulgação científica voltadas à valorização dessa diversidade (Santos, 2006). Essa lacuna reforça a necessidade de sínteses que aproximem essas duas frentes de reflexão.

Diante desse cenário, o presente artigo parte da seguinte questão norteadora: de que forma o diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais de povos indígenas e comunidades amazônicas pode ser fortalecido, e qual o papel da divulgação científica nesse processo de valorização da diversidade epistêmica?

O objetivo geral deste trabalho é analisar, com base em revisão de literatura, as possibilidades e os desafios do diálogo entre ciência e saberes tradicionais na Amazônia. De forma específica, busca-se: a) discutir o conceito de colonialidade do saber e sua relação com a exclusão histórica dos conhecimentos tradicionais; b) analisar experiências recentes de colaboração entre cientistas indígenas e não indígenas; c) refletir sobre o papel da divulgação científica na valorização da diversidade epistêmica.

O estudo delimita-se à literatura sobre epistemologias do Sul, etnociência e divulgação científica no contexto brasileiro e amazônico, com ênfase em publicações e documentos institucionais recentes, entre 2002 e 2024.

Para tanto, o artigo está organizado da seguinte forma: além desta introdução, apresenta-se o referencial teórico sobre colonialidade do saber, ecologia de saberes e divulgação científica; em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos; na sequência, expõe-se o desenvolvimento da discussão e os principais resultados, seguidos de sua discussão crítica; por fim, tecem-se as considerações finais.

Espera-se, com este estudo, contribuir para o fortalecimento do diálogo entre ciência e sociedade, reafirmando a diversidade de saberes como elemento constitutivo da construção do conhecimento científico brasileiro.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão das relações entre ciência ocidental e saberes tradicionais exige, como ponto de partida, o conceito de colonialidade do saber, segundo o qual determinadas formas de conhecimento foram historicamente hierarquizadas em detrimento de outras, sobretudo daquelas produzidas por povos colonizados. Santos (2006) propõe, como alternativa a essa hierarquização, uma “sociologia das ausências” capaz de tornar visíveis saberes e práticas que a racionalidade científica dominante tende a invisibilizar ou a considerar inexistentes.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a chamada ecologia de saberes, que defende a coexistência e a articulação entre diferentes formas de conhecimento, sem que uma delas —

a científica — ocupe posição hierarquicamente superior às demais. Trata-se de um deslocamento importante em relação a abordagens que tratam o conhecimento tradicional apenas como objeto de estudo da ciência, e não como interlocutor legítimo no processo de produção de conhecimento.

Experiências recentes ilustram esse deslocamento. Levis *et al.* (2024) descrevem uma colaboração de cerca de dois anos entre pesquisadores indígenas do Alto Rio Negro e cientistas não indígenas vinculados a instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal do Amazonas e a Universidade de Princeton, da qual resultou a proposição de uma rede cosmopolítica organizada em três domínios — aéreo, terrestre e aquático —, cada um associado a entidades e princípios de manejo próprios dos saberes indígenas do Alto Rio Negro. Segundo os autores, essa estrutura pode contribuir para a identificação de sinais de alerta precoce sobre desequilíbrios ecológicos, complementando os modelos científicos ocidentais de conservação.

De forma semelhante, iniciativas institucionais de pesquisa agropecuária têm buscado sistematizar, em diálogo com comunidades indígenas do Acre, conhecimentos sobre solos e manejo agrícola, produzindo publicações bilíngues que articulam a língua indígena e a linguagem científica em português, como estratégia de valorização e de circulação desses saberes (EMBRAPA, 2016).

Nesse contexto, a divulgação científica assume papel central, na medida em que constitui um dos principais canais de aproximação entre ciência e sociedade. Massarani, Moreira e Brito (2002) situam a história da divulgação científica brasileira como parte de um processo mais amplo de democratização do conhecimento, associado à expansão de museus, feiras de ciência e outros espaços de comunicação pública. Chassot (2006), por sua vez, defende que a alfabetização científica deve ser compreendida como processo formativo voltado à leitura crítica do mundo, o que inclui o reconhecimento da diversidade de sujeitos e de saberes que compõem a produção científica contemporânea.

Articulando essas perspectivas, compreende-se que o fortalecimento do diálogo entre ciência e saberes tradicionais depende tanto de mudanças epistemológicas mais profundas — como as propostas pela ecologia de saberes — quanto do desenvolvimento de práticas de divulgação científica capazes de tornar públicas essas experiências de colaboração, contribuindo para a ampliação do imaginário social sobre quem produz conhecimento no Brasil.

3. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, com caráter bibliográfico e documental, desenvolvida a partir da revisão de literatura especializada em epistemologias do Sul, etnociência e divulgação científica, complementada pela análise de documentos institucionais e informativos sobre experiências recentes de colaboração entre ciência e saberes tradicionais (Gil, 2010).

A revisão bibliográfica foi realizada a partir da consulta a artigos científicos, livros, capítulos de livros e periódicos internacionais indexados, priorizando publicações de autoria brasileira ou vinculadas a instituições brasileiras, voltadas à temática de diversidade epistêmica, saberes tradicionais e divulgação científica, publicadas majoritariamente entre 2002 e 2024.

Como fonte complementar, foram utilizados documentos institucionais que descrevem experiências concretas de colaboração entre pesquisadores indígenas e não indígenas na Amazônia, com o objetivo de ilustrar, de forma empírica, as discussões teóricas apresentadas na literatura consultada.

Foram priorizados materiais que apresentassem descrição clara de autoria, procedência institucional e dados verificáveis sobre as experiências relatadas, excluindo-se fontes sem indicação de autoria ou de credibilidade acadêmica e institucional.

A análise do material selecionado foi conduzida por meio de leitura interpretativa e organização temática dos conteúdos, o que permitiu identificar categorias recorrentes na literatura, tais como colonialidade do saber, ecologia de saberes, colaboração científica intercultural e divulgação científica como instrumento de valorização da diversidade.

Por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental, baseada em fontes públicas e já publicadas, o estudo não envolveu coleta de dados diretamente com seres humanos, dispensando, portanto, submissão a comitê de ética em pesquisa.

4. DESENVOLVIMENTO

A presente seção reúne a análise e a discussão aprofundada do diálogo entre ciência e saberes tradicionais na Amazônia, articulando o referencial teórico apresentado anteriormente às experiências e aos documentos levantados junto a fontes institucionais. O texto está organizado em três subseções: a colonialidade do saber e a exclusão histórica dos conhecimentos tradicionais; experiências recentes de colaboração entre ciência ocidental e saberes indígenas na Amazônia; e o papel da divulgação científica na valorização da diversidade

epistêmica.

4.1 Colonialidade do saber e a exclusão histórica dos saberes tradicionais

A hierarquização entre conhecimento científico e saberes tradicionais tem raízes históricas associadas ao processo de colonização, no qual as formas de conhecimento dos povos originários foram sistematicamente desqualificadas ou apropriadas sem o devido reconhecimento de autoria e de valor epistêmico. Santos (2006) descreve esse processo como parte de uma “monocultura do saber”, que reduz a pluralidade de conhecimentos existentes a um único modelo de racionalidade, considerado universal e superior aos demais.

Essa hierarquização não é apenas simbólica: ela se reflete em barreiras concretas de acesso e permanência de pesquisadores indígenas nas instituições científicas brasileiras, bem como na sub-representação de temas e abordagens vinculados aos saberes tradicionais nos periódicos científicos de maior prestígio. Como consequência, conhecimentos acumulados ao longo de milênios sobre o manejo de ecossistemas amazônicos frequentemente permanecem à margem dos processos formais de produção e validação científica.

A superação dessa monocultura do saber, segundo Santos (2006), depende da construção de uma ecologia de saberes capaz de reconhecer a coexistência de diferentes racionalidades, sem hierarquizá-las previamente, e de promover formas de diálogo que respeitem a autonomia e a autoria dos sujeitos produtores de cada sistema de conhecimento.

4.2 Experiências recentes de colaboração entre ciência e saberes indígenas na Amazônia

Nos últimos anos, multiplicam-se iniciativas que buscam operacionalizar essa ecologia de saberes na prática científica. Um exemplo emblemático é a colaboração descrita por Levis *et al.* (2024), que reuniu, ao longo de aproximadamente dois anos, pesquisadores indígenas do Alto Rio Negro e cientistas de instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a Universidade de Princeton. O resultado foi a publicação, na revista *Science*, de uma proposta de integração entre saberes indígenas e ciências da conservação, estruturada a partir de três domínios cosmopolíticos reconhecidos pelos povos do Alto Rio Negro, conforme sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1. Domínios cosmopolíticos indígenas do Alto Rio Negro discutidos na proposta de integração dos saberes

Domínio	Contribuição para a conservação
Aéreo	Leitura de sinais climáticos e de comportamento da fauna associada ao ar
Terrestre	Manejo da floresta, dos solos e das relações entre espécies terrestres

Fonte: Adaptado de Levis *et al.* (2024).

Essa estrutura auxiliar na identificação precoce de desequilíbrios ecológicos, complementando os modelos científicos ocidentais de monitoramento ambiental (Levis *et al.*, 2024). O episódio é significativo por se tratar da primeira publicação assinada por cientistas indígenas brasileiros em um periódico internacional de alto impacto, o que reforça o potencial de colaborações interculturais simetricamente construídas.

Experiências semelhantes, ainda que de menor visibilidade internacional, também têm sido conduzidas por instituições brasileiras de pesquisa agropecuária, que desenvolvem, em parceria com etnias indígenas do Acre, do Amapá, do Pará e de Roraima, projetos voltados à sistematização de conhecimentos sobre solos, cultivos e manejo florestal, produzindo materiais bilíngues que articulam a língua indígena e a linguagem científica (EMBRAPA, 2016). Tais iniciativas demonstram que o diálogo entre ciência e saberes tradicionais pode ocorrer também em escalas mais locais e cotidianas, para além de publicações de grande repercussão internacional.

4.3 Divulgação científica como espaço de valorização da diversidade epistêmica

A divulgação científica cumpre papel estratégico na tradução e na ampliação do alcance social dessas experiências de colaboração intercultural. Massarani, Moreira e Brito (2002) destacam que a história da divulgação científica no Brasil está associada a um processo mais amplo de democratização do conhecimento, o que inclui, potencialmente, a valorização pública de diferentes sujeitos e formas de produzir ciência.

Nesse sentido, dar visibilidade a experiências como a colaboração entre pesquisadores indígenas e não indígenas na Amazônia constitui estratégia relevante para o enfrentamento da colonialidade do saber discutida por Santos (2006), na medida em que amplia o imaginário social sobre quem é reconhecido como produtor de conhecimento científico legítimo. Chassot (2006) reforça que a alfabetização científica deve ser compreendida como processo formativo amplo, voltado à leitura crítica do mundo, o que inclui reconhecer a diversidade de sujeitos, trajetórias e epistemologias que constituem a produção científica contemporânea.

Iniciativas editoriais que reúnem estudos articulando inovações científicas e reflexões socioculturais cumprem função importante nesse processo, na medida em que oferecem espaço de publicação e visibilidade para pesquisas voltadas à diversidade epistêmica e à valorização de diferentes sujeitos na construção do conhecimento científico brasileiro.

5. RESULTADOS

A revisão de literatura realizada permitiu identificar três resultados principais relacionados ao diálogo entre ciência e saberes tradicionais na Amazônia. Em primeiro lugar, constatou-se que a colonialidade do saber segue operando como barreira estrutural ao reconhecimento dos conhecimentos tradicionais como formas legítimas de produção científica, o que se reflete na histórica sub-representação de pesquisadores e de abordagens indígenas nos espaços formais de produção do conhecimento (Santos, 2006).

Em segundo lugar, identificaram-se experiências concretas e recentes de superação parcial dessa barreira, com destaque para a colaboração entre cientistas indígenas e não indígenas que resultou na publicação, em periódico internacional de alto impacto, de uma proposta de integração entre saberes indígenas e ciências da conservação amazônica (Levis *et al.*, 2024).

Em terceiro lugar, observou-se que iniciativas institucionais de menor visibilidade, voltadas à sistematização de conhecimentos tradicionais em diálogo com comunidades indígenas, também contribuem para a valorização desses saberes, ainda que de forma mais localizada (EMBRAPA, 2016).

Por fim, a literatura consultada indica que a divulgação científica, quando orientada pela valorização da diversidade epistêmica, discutida por Massarani, Moreira e Brito (2002) e por Chassot (2006), tem papel relevante na ampliação do alcance social dessas experiências de colaboração, contribuindo para transformar o imaginário sobre quem produz ciência no Brasil.

6. DISCUSSÃO

O reconhecimento dos saberes tradicionais como formas legítimas de conhecimento científico ainda é um processo em construção, marcado por avanços pontuais e por barreiras estruturais persistentes. Essa constatação dialoga diretamente com a perspectiva de Santos (2006), para quem a superação da monocultura do saber exige transformações epistemológicas mais profundas do que a simples inclusão temática de conhecimentos tradicionais nos currículos ou nas publicações científicas.

A experiência analisada de Levis *et al.* (2024) sugere que colaborações construídas ao longo do tempo, com participação efetiva e reconhecimento de autoria de pesquisadores indígenas, produzem contribuições científicas e simetricamente construídas. Esse caso ilustra, na prática, o que a literatura sobre ecologia de saberes propõe teoricamente: a possibilidade de

articulação entre diferentes racionalidades sem hierarquização prévia entre elas.

Ao mesmo tempo, a discussão evidencia que experiências dessa natureza ainda são exceções em um cenário mais amplo de sub-representação de pesquisadores indígenas nas instituições científicas brasileiras. Iniciativas institucionais mais localizadas, como as conduzidas em parceria com comunidades do Acre, do Amapá, do Pará e de Roraima (EMBRAPA, 2016), indicam caminhos complementares, ainda que de menor visibilidade, para a consolidação desse diálogo em diferentes escalas.

Por outro lado, a discussão evidencia o potencial da divulgação científica como instrumento de tradução e de ampliação do alcance social dessas experiências. Ao tornar públicas colaborações entre ciência e saberes tradicionais, publicações e iniciativas de comunicação pública da ciência contribuem para desconstruir hierarquias epistêmicas e para ampliar as referências disponíveis à sociedade sobre a diversidade de sujeitos que produzem conhecimento, dialogando com a perspectiva de Chassot (2006) sobre alfabetização científica como processo de leitura crítica do mundo.

É importante reconhecer, contudo, que a divulgação científica não substitui transformações estruturais mais profundas, como a ampliação do acesso e da permanência de pesquisadores indígenas nas instituições científicas, o reconhecimento formal de metodologias de pesquisa colaborativa e intercultural, e o fortalecimento de políticas de financiamento voltadas a esse tipo de investigação.

7. CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo analisar, a partir de revisão bibliográfica, as possibilidades e os desafios do diálogo entre ciência e saberes tradicionais na Amazônia, com ênfase no papel da divulgação científica nesse processo. Os resultados confirmam que, apesar de avanços recentes e simbolicamente relevantes, como a publicação de pesquisas coautoradas por cientistas indígenas em periódicos internacionais de alto impacto, a colonialidade do saber segue operando como barreira estrutural ao pleno reconhecimento dos saberes tradicionais.

A análise das experiências de colaboração entre pesquisadores indígenas e não indígenas reforça a necessidade de investimentos contínuos em políticas de acesso e permanência de pesquisadores indígenas na ciência brasileira, bem como no reconhecimento institucional de metodologias de pesquisa colaborativa e intercultural.

Como limitação do estudo, destaca-se seu caráter predominantemente bibliográfico e documental, baseado em literatura e documentos já publicados, o que aponta para a relevância

de pesquisas futuras, de caráter empírico e qualitativo, capazes de aprofundar a compreensão sobre experiências específicas de colaboração entre ciência e saberes tradicionais em diferentes regiões do Brasil.

Por fim, reforça-se a importância da divulgação científica como espaço estratégico para a valorização da diversidade epistêmica, na medida em que contribui para tornar visíveis experiências de diálogo entre diferentes sistemas de conhecimento, fortalecendo o compromisso da ciência brasileira com uma construção do conhecimento mais plural, democrática e representativa da diversidade do país.

8. CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflito de interesses de natureza pessoal, financeira, profissional ou institucional que possa ter influenciado a elaboração, a análise ou a interpretação deste trabalho.

9. REFERÊNCIAS

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Troca de saberes entre indígenas e pesquisadores enriquece conhecimento**. Brasília, DF: Embrapa, 2016. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/14819143/troca-de-saberes-entre-indigenas-e-pesquisadores-enriquece-conhecimento>. Acesso em: 23 ago. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEVIS, Carolina; REZENDE, Justino Sarmiento; BARRETO, João Paulo Lima; BARRETO, Silvio Sanches; BANIWA, Francy; SATERÉ-MAWÉ, Clarinda; ZUKER, Fábio; ALENCAR, Ane; MUGGE, Miqueias; SIMON DE MORAES, Rodrigo; FUENTES, Agustín; HIROTA, Marina; FAUSTO, Carlos; BIEHL, João. Indigenizing conservation science for a sustainable Amazon. **Science**, v. 386, n. 6727, p. 1229-1232, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.adn5616>

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima (org.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 777-821.